

"Crise econômica é até benéfica. Sacode o País"

20 OUT 1983

«Uma crise econômica resulta em sacrifícios e custos sociais a curto prazo, mas, acaba sendo benéfica porque sacode o país, aguça a criatividade nacional e aponta erros do sistema que, sem a crise, ninguém pensaria em solucionar». A opinião é de alta fonte do Ministério da Fazenda defendendo a tese de que o Brasil, ao sair da situação difícil atual, será um país mais bem ordenado e apto para se desenvolver.

Entre «os erros de longa data», o assessor aponta o crescimento desmesurado do setor público, resultando em centenas de empresas estatais, o aumento desordenado de déficit público e a concessão exagerada de subsídios à agricultura, à exportação, ao trigo e ao petróleo, fatores que, combinados, resultaram numa economia bastante artificial no país. «Enquanto havia recursos, esta situação pôde continuar, com a crise foi necessário um basta nestes abusos e distorções, dando lugar a uma política mais saudável para o sistema econômico brasileiro».

Ao explicar a expansão das estatais, a fonte do Ministério da Fazenda disse que o Estado avançou na economia por vários motivos — precisou tomar espaços vazios, atendeu a fatores de segurança nacional, resolveu promover o desenvolvimento econômico ou a modernização tecnológica do setor, quis evitar quebras e falências e sua consequência natural, o desemprego. Ao lado de todos estes motivos «válidos» a fonte reconheceu que, muitas vezes, o Governo expandiu sua presença na economia por burrice ou megalomania. «É verdade que o setor privado brasileiro sempre teve poucas possibilidades financeiras para investir, mas, teria sido mais benéfico, para toda a atividade econômica, auxiliar o empresário a desenvolver um setor do que criar mais uma estatal para cuidar do assunto».

Agora, com a crise, esta política de expansão da presença do Estado teve que ser freada bruscamente e já começou a ser revertida. Além disso, o déficit público também precisou ser atacado, para cumprir exigências do FMI no programa de estabilização da dívida externa brasileira. A diminuição drástica do déficit público e a paulatina eliminação dos subsídios à agricultura, à exportação, ao petróleo e ao trigo são políticas que sanearão a economia brasileira eliminando distorções, explicou a fonte.

Segundo o assessor, a dificuldade maior do Governo neste momento é convencer os políticos, empresários e o povo em geral, que o esquema de combate à crise econômica está bem estruturado. «Se não tivesse ocorrido a enchente no Sul do país, prejudicando a lavoura e fazendo os preços dos alimentos dispararem, a adoção do Decreto 2.045 desde julho limitando em 80 por cento do INPC os aumentos salariais, já teria dado resultados palpáveis na redução das taxas inflacionárias. Neste caso, o Governo teria menos dificuldade em se fazer acreditar. Os 12,8 por cento de inflação em setembro (11,2 expurgados) minam a credibilidade do Governo», admitiu.

Ele está convicto, porém, que a inflação de outubro já será inferior à taxa de setembro, podendo chegar a 5 por cento em dezembro, conforme os termos da carta de intenções ao FMI. «Todas as providências neste sentido já foram tomadas, a expansão monetária está contida em 90 por cento, o déficit público foi cortado drasticamente, o saldo comercial de US\$ 6 bilhões já é uma realidade, a política cambial está ajustada e os mecanismos monetários sob controle.